

**A “TEORIA DO FAZER”  
EM EDUCAÇÃO  
AMBIENTAL  
CRÍTICA: uma reflexão  
construída em  
contraposição  
à Educação Ambiental  
Conservadora.**



Dias, B. C.; Bomfim, A. M. A “teoria do fazer” em educação ambiental crítica: uma reflexão construída em contraposição à educação ambiental conservadora. ENPEC, 2007.

*Bárbara de Castro Dias<sup>1</sup>; Alexandre Maia do Bomfim<sup>2</sup>*

*1 - Mestranda Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) [barbara.dcd@gmail.com](mailto:barbara.dcd@gmail.com)*

*2 – Docente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino de Ciências. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) [alexgab@uol.com.br](mailto:alexgab@uol.com.br)*



## Resumo

O artigo pretende delinear em dois blocos teórico-práticos, a educação ambiental que se realiza no Brasil: o Conservador e o Crítico. O primeiro caracteriza-se por ser hegemônico, e possuir como prática, a aquisição de princípios ecológicos desejáveis, até uma mudança comportamental. O segundo, contra-hegemônico, divulga uma nova ética ambiental, visando redefinir as relações entre homem e natureza, a fim de romper com a atual ordem política, cultural e econômica. Isso é feito com uma reconstrução histórica das bases em que se apóia a Educação Ambiental evidenciando seus limites e potencialidades, além da caracterização da *práxis numa direção de Educação Ambiental Crítica*. Ao final são propostas algumas pistas de ação para a Educação Ambiental.



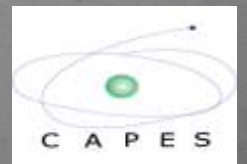
“Ambiente limpo não é o que mais se  
limpa e sim o que menos se suja.”  
(Chico Xavier)



**POR QUAL EDUCAÇÃO?**



**CARACTERIZANDO A  
EDUCAÇÃO AMBIENTAL  
CONSERVADORA  
E A EDUCAÇÃO  
AMBIENTAL CRÍTICA.**



**EA-CONSERVADORA.**



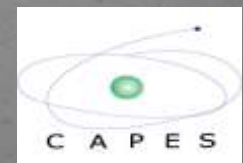
Esta Educação ambiental tradicional, não pode e/ou não quer perceber as redes de poder que estruturam as relações de dominação presentes na sociedade atual, tanto entre pessoas (relações de gênero, de minorias étnicas e culturais), entre classes sociais, quanto na relação norte-sul entre nações, assim como também entre relações de dominação que se construíram historicamente entre sociedade de natureza. São nessas relações de poder e dominação que podemos encontrar um dos pilares da crise ambiental dos dias de hoje.

(GUIMARÃES, 2007 p.35)





# EA-CRÍTICA.



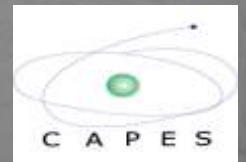
Em uma concepção crítica de Educação Ambiental, acredita-se que a transformação da sociedade é causada e consequência da transformação de cada indivíduo, há uma reciprocidade dos processos no qual propicia a transformação de ambos. Nesta visão o educando e o educador são agentes sociais que atuam no processo de transformações sociais; portanto, o ensino é teoria/prática, é *práxis*. *Ensino que se abre para a comunidade com seus problemas sociais e ambientais, sendo estes conteúdos de trabalho pedagógico.*

Aqui a compreensão e atuação sobre as relações de poder que permeiam a sociedade são priorizados, significando uma educação política.

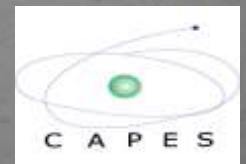
(GUIMARÃES, 2000, p.17)



**EDUCAÇÃO AMBIENTAL:  
PARTE DE SUA HISTÓRIA,  
SEUS  
LIMITES E  
POTENCIALIDADES.**



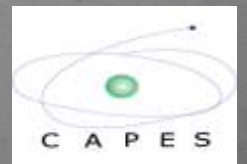
*A PRÁTICA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA.*



**ALGUMAS PISTAS  
DE AÇÃO PARA  
UMA EDUCAÇÃO  
AMBIENTAL  
CRÍTICA.**



Conclusão.



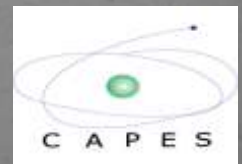
## REFERÊNCIAS

BOMFIM, A. M Trabalho, Meio Ambiente e Educação: apontamentos à Educação Ambiental a partir da Filosofia da Práxis. In: XIV ENDIPE, 2008, Porto Alegre. XIV ENDIPE. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008 p.1-14.

*Fazer Ciência Social no interior das hard sciences: Um ensaio sobre a*

*prática docente em cursos de licenciatura em Física, Química e Matemática. Revista Ciências & Idéias, v. 1, p. 59-68, 2009. disponível em:*

*<<http://200.20.215.200/revista/index.php/revistacienciaseideias/article/viewFile/29/fard>>*  
acesso em abril de 2011.



**BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436p.**

disponível em < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ttransversais.pdf>> acessado em abril de 2011.

**BRASI. Política Nacional de Educação Ambiental LEI No 9.795, DE 27 DE ABRIL DE 1999. disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9795.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm)> Acessado em Abril de 2011.**

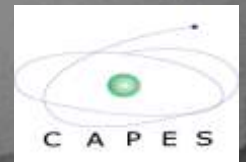
**CHESNAIS, F. e SERFATI, C. “Ecologia” e condições físicas de reprodução social: alguns fios condutores marxistas. Crítica Marxista. n° 16. São Paulo: Editora Boitempo, 2003.**

**GEÓRGIA. Conferência Intergovernamental Sobre Educação Ambiental, Tbilisi, 14 a 26**

de outubro de 1977 disponível em: < <http://www.ufpa.br/npadc/gpeea/DocsEA/ConfTibilist.pdf>> acessado em Abril de 2011.

**FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo.**

Ed.Paz e Terra (coleção leitura), 1996.





GUIMARÃES, M. **Educação ambiental: no consenso um debate?** Campinas, Papirus, 2000.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais.** Campinas, SP: Papirus (Coleção Papirus Educação) 2007.

LAYRARGUES, P. P. **Do ecodesenvolvimento ao desenvolvimento sustentável: evolução**

**de um conceito?** *Revista Proposta, Rio de Janeiro, v. 24, n. 71, p. 1-5, 1997.*

LEFF, E. **Saber ambiental .6. ed.** Petrópolis: Vozes, 2008. 494 p.

LIMA, G. F. C. **Crise ambiental, educação e cidadania: os desafios da sustentabilidade**

**emancipatória.** In: LOUREIRO, C. F. B. *Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania.* São Paulo, Cortez, 2002.

LOUREIRO, C. F. B **Trajetória e fundamentos da educação ambiental.** São Paulo, Cortez, 2004.

RUSCHEINSKY, A. **Educação Ambiental: abordagens múltiplas.** Aluísio Rucheinsky (org) – Porto Alegre, ed. Artmed, 2001.



Grupo Mendeleev.  
Supervisor.  
Sergio Gonçalves.  
Bolsistas ID.

Natieli Bicca, Maeli Vinholes, Suelen  
Loreto, Marcia Ferronato e Lincoln.

